

# revista das ideias

## a nova cultura chinesa

Desde que existe uma nova cultura chinesa, tem-se encontrado na China pessoas de opiniões simplistas que desejariam desenraizar a cultura antiga e imitar sem reservas a cultura europeia, única condição segundo pensam, do nascimento duma nova cultura. Aconselhando a que se não leiam livros chineses ou esperando descobrirem regras de vida remechendo pilhas de papéis carunchosos, a sua atitude a respeito da antiga cultura chinesa, é a mesma: desprezam-na ou regelam-na. Contudo, se a antiga cultura chinesa já não é capaz de se manter, não é deles a culpa. Pelo contrário, é preciso não se ver nisso senão a prova da sua insuficiente compreensão da antiga cultura. Não espanta pois que as mesmas pessoas sejam igualmente incapazes de compreender a cultura europeia.

Uma outra categoria de pessoas admira sem reservas a antiga cultura chinesa, combatendo encarniçadamente a cultura europeia e opinando que não resta à China actual outra saída que não seja retroceder à sua antiga cultura. Todavia, esse renascimento da cultura antiga não se dá na China de hoje. E isto, não pelo facto de os partidários deste renascimento serem desprovidos de toda a aptidão criadora mas porque tal projecto constitui uma impossibilidade pura e simples. Não se poderá fazer reviver o passado senão no dia em que se encontrar meio de ressuscitar os mortos e de fazer voltar aos rios as suas águas.

Apesar de todas estas discussões, a nova cultura chinesa está em pleno crescimento. Ela evolue mas não na direcção indicada pelos desestimadores da antiga cultura os quais desejavam vê-la abandonar o solo chinês e desaparecer no vácuo. Ela é uma planta robusta, que brota e progredirá no solo da China. Que deve ser pois a nova cultura chinesa? Eis uma questão que é permitido pôr e mesmo discutir, visto tratar-se duma ocupação inofensiva, e nada mais. A cultura que está em via de nascer na China é a cultura nova, aquela de que a China precisa. Mas como se pode fazer nascer uma nova cultura? Ninguém saberia responder. A nova cultura da China é o produto fecundo duma mistura da velha cultura chinesa e da cultura europeia. Fecundo e criador. Mas esta cultura não ficará limitada à China. A questão técnica está em rela-

ção com este *processus* de mistura que é, como dissemos, um processo criador de novos valores.

Possuirá a China actualmente uma cultura nova? No caso afirmativo, qual é a sua natureza? Só estas perguntas têm uma importância prática.

A nossa resposta à primeira pergunta será: sim! Por isso vamos tentar responder à segunda.

Consideremos primeiro a poesia. Há quem afirme que a poesia lírica chinesa se tem desenvolvido sob a influência de Tagore. Será justificada esta opinião? Trata-se antes de mais de saber se a antiga poesia lírica chinesa possui poemas breves, e, na afirmativa, se os poetas modernos os leram e se, tendo-os lido, eles poderiam ter deixado de sofrer a sua influência. Ora, os poemas pequenos abundam na poesia chinesa onde não existem os longos poemas épicos. As mais belas peças da poesia chinesa são justamente representadas por quadras e pequenos cantos rapsódicos (*tz'e*). As novas poesias breves chinesas, apresentam, no seu conteúdo, traços puramente chineses. Elas nunca poderiam ter nascido sob a exclusiva influência de Tagore.

Não é a introdução na China de Goethe, de Byron e de Baudelaire, que a nova poesia chinesa, incluindo os poemas em prosa, deve o seu notável desenvolvimento, mas ao facto de a antiga cultura chinesa possuir um rico tesouro de poesias e de poemas em prosa, desde *Chuang-tzé* e *Shi-ki* até aos numerosos poemas em prosa disseminados nas notícias e nos escritos dos autores das épocas Sung e Iuan. Em compensação, se o número de dramas europeus introduzidos na China é considerável, o novo teatro chinês é extremamente fraco. Isto explica-se pelo lugar insignificante que o drama ocupava na antiga cultura. A nova pintura tem talvez atrás de si o mais longo passado visto que a antiga pintura é um objecto de admiração no mundo inteiro. Todavia, se a nova pintura produziu muito poucas obras primas, foi porque na antiga faltam os elementos susceptíveis de favorecer a reprodução de formas humanas, enquanto que a pintura da paisagem na qual ela brilhava não corresponde aos gostos e exigências actuais.

Entre as novelas chinesas, encontram-se poucas obras de arte verdadeiras, e é fácil discernir nelas as penas de antigos escritores célebres com que elas se emfeitam. A antiga literatura chinesa possui um muito grande número de narrativas, mas muito poucas obras primas. A sua influência sobre a novela chinesa moderna é antes prejudicial, mas justificou-se como um fenómeno necessário do início. Porque é que estão tão pouco desenvolvidas a nova música, a nova dança, a nova escultura, a nova arquitectura chinesas? Isso não exige, segundo nos parece nenhuma explicação particular. Contudo a dança, o romance, a escultura, a arquitectura, a música modernas existem na China e não deixarão, cedo ou tarde, de progredir, conservando as particularidades especificamente chinesas.

O que caracteriza muito particularmente a nova poesia chinesa e, em geral, toda a arte da China moderna, é o seu carácter prático e pragmático. Em relação com as exigências do tempo presente, ela é ao mesmo tempo nacional-revolucionária e internacional. Insiste-se muito no carácter filosófico da antiga cultura chinesa. Sem dúvida, as obras dos filósofos europeus foram introduzidas na China em boa hora, obtendo uma grande difusão. Mas a China por si não possui filosofia nova. A China foi igualmente inundada, como outrora pelas armas de Ts'ao Ts'ao, pelas obras sobre o materialismo dialéctico, e é justamente porque a filosofia chinesa nunca foi uma filosofia pura, mas uma filosofia da acção, que o materialismo dialéctico que é, ele também, uma doutrina da acção, foi aceite e acolhido. E' justo todavia dizer que a China não possui uma experiência histórica nem materiais históricos suficientes para bem compreender o materialismo dialéctico.

O novo movimento cultural chinês dará origem a uma filosofia nova? Certamente não. O que é, não uma questão de mistura ou de assimilação, mas um facto: como o resto do mundo, a China tem atirado pouco a pouco a filosofia pela borda fóra.

Que a arqueologia chinesa, sobretudo os trabalhos de «reconstituição da antiguidade chinesa» (*cheng-li kuo-ku*: estudo e datação científicos da história chinesa, sob a di-

recção de sábios de cultura moderna) estejam em grande progresso, nada há nisso de extraordinário. As obras de história, sobretudo as que se referem às guerras camponesas, encontram há algum tempo muitos leitores. As questões económicas suscitaram igualmente muitas obras, mas sem grande valor científico. As obras de sociologia consagram-se principalmente à história social da China antiga. O desenvolvimento das ciências naturais decorre muito, muito lentamente na China; contudo uma das ciências modernas, a psicologia behaviorista, faz rápidos progressos. As obras dos behavioristas chineses são mesmo de natureza, no que se refere naturalmente às questões psicológicas, a interessar leitores europeus. Realizam-se já na China experiências que tem por objecto a acção estudada no ponto de vista científico e estas experiências são enriquecidas todos os dias com novos resultados. Pode portanto dizer-se que existem na China todas as possibilidades susceptíveis de favorecer o desenvolvimento duma ciência prática, pragmática, dinâmica. Estas possibilidades não são só de ordem histórica, ligam-se também a necessidades actuais, quer se trate da vida ou da ciência.

Tentemos examinar um pouco mais de perto este principio fundamental e típico da vida e da arte chinesas: as suas relações estreitas com a vida, com a acção, com as manifestações activas dos homens. Este principio essencialmente chinês encontra-se não só na arte, mas também nos mitos e lendas chinesas. A mitologia chinesa desconhece os deuses antropomórficos; são homens divinizados, elevados à dignidade de deuses, que lá ocupam o primeiro lugar. Fu-hi é um deus, mas é como homem que ele desenha os oito trigramas. Shen-nung é um deus, mas é como homem, como «camponês divino» que ele cria os utensílios agrícolas. Primitivamente, havia dez sóis, mas se resta hoje apenas um, é porque um bom atirador livrou os homens dos outros nove. Isto não quer dizer que os traços divinos sejam atribuídos a seres humanos. Não, os deuses são somente homens activos, que não desaparecem. Exactamente como os da história, os heróis da mitologia são fundamentalmente homens actuantes e activos. E' por isso que a his-

(Continua na página imediata)